



ENTRE O SONHO E A REALIDADE DA IMIGRAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A OBRA *CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE* DE BUCHI EMECHETA

<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1159>

Mariana Licurgo Ferreira Ribeiro¹
Universidade do Estado da Bahia
(marianalicurgofr@gmail.com)

Resumo: O seguinte estudo discute a imigração a partir da trajetória da personagem ficcional Adah, protagonista do romance *Cidadã de segunda classe*, de Buchi Emecheta. Para tanto, faz-se uma discussão acerca de conceitos como Diáspora, Identidade Cultural e Colonialismo, a partir de teóricos que, em maioria, passaram por processos migratórios e coloniais, como Hall e Fanon. Assim, entende-se que Emecheta utiliza-se da narrativa deste livro para evidenciar as desigualdades enfrentadas pelos imigrantes nigerianos na metrópole inglesa e denunciar o modo de vida ao qual eram submetidos.

Palavras-chave: *Cidadã de segunda classe*; Imigração; Diáspora; Identidade Cultural.

BETWEEN THE DREAM AND THE REALITY OF IMMIGRATION: A LOOK AT BUCHI EMECHETA'S BOOK *SECOND-CLASS CITIZEN*

Abstract: The following study discusses immigration from the trajectory of the fictional character Adah, the protagonist of the novel *Second-class citizen*, by Buchi Emecheta. For this purpose, we make a discussion about concepts such as Diaspora, Cultural Identity and Colonialism, based on theorists who, mostly, went through migratory and colonial processes, such as Hall and Fanon. thus, it's understood that Emecheta uses the narrative of this book to highlight the inequalities faced by Nigerian immigrants in the British metropolis and denounce the life style they were subjected.

Keywords: *Second-class citizen*; Immigration; Diaspora; Cultural Identity.

ENTRE EL SUEÑO Y LA REALIDAD DE LA INMIGRACIÓN: UNA MIRADA AL LIBRO DE BUCHI EMECHETA *CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE*

Resumen: El siguiente estudio analiza la inmigración desde la trayectoria del personaje ficticio Adah, la protagonista de la novela *Cidadã de segunda classe*, de Buchi Emecheta. Para el trabajo, se hace, entonces, una discusión sobre conceptos como Diáspora, Identidad Cultural y Colonialismo, basados en teóricos que, en su mayoría, pasaron por procesos migratorios y coloniales, como Hall y Fanon. De tal manera, se entiende que Emecheta usa la narrativa de este libro para resaltar las desigualdades que enfrentan los inmigrantes nigerianos en la metrópoli británica y denunciar la forma de vida a la que fueron sometidos.

Palabras clave: *Cidadã de segunda classe*; Inmigración; Diáspora; Identidad cultural.

¹ Mestranda em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN - UNEB). Possui graduação em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (2017). Tem experiência na área de Comunicação Social e em Estudos Africanos, atuando principalmente nos seguintes temas: Análise do Discurso Francesa, Representação e Estudos Africanos. Sua dissertação versa sobre as Representações da Guerra de Biafra (1967-1970).



1. INTRODUÇÃO

O sonho de migração é comumente cultivado entre pessoas advindas de países que passaram por algum processo de colonização, na esperança de acesso a melhores condições de vida. Com o povo nigeriano não foi diferente. A ideia de ascender socialmente em uma sociedade que ainda vivia sob a égide da metrópole europeia dependia muitas vezes de que o indivíduo fosse estudar na Inglaterra, deixando a terra natal, a fim de que, quando retornasse, conseguisse galgar uma posição mais elevada na hierarquia social.

Buchi Emecheta manteve esse sonho desde a infância, a partir do momento em que compreendeu a importância da educação para conseguir ter uma vida mais digna. Na sua infância, estar na escola era um artigo de luxo, ainda mais sendo do gênero feminino. Se, para os meninos, a escolarização não era algo consolidado, as meninas enfrentavam ainda mais barreiras para que a sua educação fosse levada adiante. Muitas vezes, os pais as enviavam à escola apenas para que adquirissem conhecimentos básicos como ler, escrever e fazer operações matemáticas simples. No início do século XX, na Nigéria, ser mulher era um desafio e tanto.

Emecheta enfrentou a família, que não tinha interesse em que ela fosse escolarizada assim como seu irmão, o qual já havia iniciado seus estudos. Ela começou a frequentar as turmas de uma escola missionária localizada nas imediações de sua casa às escondidas. E, logo, começou a sonhar com o momento em que emigraria para a terra dos colonizadores, onde tudo parecia ser possível aos seus olhos, a terra das oportunidades.

Em *Cidadã de segunda classe* (título original *Second-class citizen*), a autora, através de uma obra ficcional, relata as dificuldades que ela própria enfrentou ao longo de sua vida, sobretudo no que diz respeito à sua condição de imigrante



nigeriana em Londres. Em várias passagens do romance, a personagem principal da história, Adah, compara a realidade que ela conhece e onde foi criada, nigeriana, com o novo mundo da metrópole.

Em sua narrativa, Emecheta evidencia como as expectativas que, muitas vezes, o migrante cultiva em relação à metrópole podem ser ilusórias. Além disso, a inocência de Adah levanta questões e percepções que muitas vezes são ignoradas por alguém que facilmente assimila a cultura do outro. Para Adah, personagem que tem sua Identidade Cultural enraizada, questionar certos elementos da cultura ocidental é algo natural. Este aspecto ajuda sobremaneira a demonstrar as discrepâncias e as desigualdades vivenciadas na Londres dos anos 1960 entre britânicos e imigrantes.

2. SOBRE A MIGRAÇÃO E AS QUESTÕES QUE A PERMEIAM

Ao longo da história, os fluxos migratórios sempre foram uma constante nas relações humanas. Desde antes da invenção da agricultura, quando ser nômade era necessário para encontrar recursos essenciais para a manutenção da vida, até os tempos atuais, a migração faz parte da história humana sejam quais forem os motivos. Assim, faz-se importante aprofundar a compreensão a respeito do assunto em questão e de outros processos que o permeiam.

Certamente, as motivações, interesses e formas de se realizar o processo migratório mudaram ao longo das décadas. Se, no início, grupos de humanos realizavam andanças sem destino até encontrar algum lugar em que achassem recursos naturais para sua subsistência e, logo, findados estes recursos, partissem rumo a outro espaço. Na atualidade, as migrações são motivadas pela busca de melhores oportunidades de vida, como interesse em melhoria das condições educacionais, vagas de emprego, além de fuga de zonas de conflito, por questões climáticas, fome, motivadas por perseguição política, dentre outras.

Assim, a complexidade das motivações também traz luz a questões um tanto quanto profundas. Nesse contexto, conceitos como Diáspora, Identidade

Cultural, Imperialismo, Colonialismo e outros tantos tomam o centro da discussão. O conceito de Diáspora, por exemplo, diria respeito à dispersão de membros de um povo pelo mundo. Segundo Hall (2013, p. 31), esta terminologia “é modelada na história moderna do povo judeu (de onde o termo “diáspora” se derivou)”. Entretanto, no campo dos Estudos Africanos, o conceito de Diáspora africana ganhou corpo, visto que os processos de tráfico de escravos, especialmente o transatlântico, fizeram com que houvesse afrodescendentes em várias regiões do globo.

Sobre o movimento migratório em questão, Ribeiro (2014) trata este processo apresentando os aspectos sócio-históricos que criaram uma segunda onda diaspórica ocorrida no século XX, sendo a primeira destas ondas o tráfico atlântico de africanos escravizados:

Após a conquista da África pelos europeus, o colonialismo criou a inevitável via de mão dupla, pois se muitos brancos iam para as colônias, inevitavelmente alguns trabalhadores negros, árabes, hindus e asiáticos iam para a Europa Ocidental. A Primeira Guerra Mundial assistiu a uma mobilização massiva, com soldados e trabalhadores sendo levados para a Inglaterra e a França. Após a Segunda-Guerra Mundial, para colaborar na manutenção do Bem-Estar Social dos brancos e sua posterior Revolução Científico-Tecnológica, novamente foi retomado o fluxo de trabalhadores malremunerados para a Europa. Gradativamente, todos os países passaram a ter expressivas comunidades africanas, o que também ocorreu nos Estados Unidos e no Canadá (RIBEIRO, 2014, pp. 97-98).

O autor ainda afirma que o processo discriminatório é uma constante e que os imigrantes são fundamentais na economia das metrópoles, visto que realizam atividades econômicas que não atraem os trabalhadores europeus. Assim, sobre estes imigrantes, Ribeiro (2014, p. 98) diz que: “formam uma comunidade numerosa e culturalmente integrada, devido à discriminação que sofrem”.

O aspecto xenofóbico e discriminatório vivenciado por muitos imigrantes de ex-colônias europeias nas suas antigas potências coloniais, segundo Hall (2013), tem relação com a formulação de uma identidade nacional pretensamente homogênea. Para tanto, Hall discute o que seria a suposta identidade britânica e aborda como ela, assim como outras formações identitárias, constitui-se num discurso em que se



apresenta como "uma cultura homogênea e unificada até a ocorrência das imigrações do subcontinente caribenho e asiático no pós-guerra" (HALL, 2013, pp. 68-69). Ele continua sua explanação tratando da presença dos negros na Grã-Bretanha:

Há uma presença "negra" na Grã-Bretanha desde o século dezesseis, uma presença asiática, desde o século dezoito. Mas o tipo e a dimensão da migração da periferia global de cor para a Grã-Bretanha, que tem questionado seriamente a noção estabelecida de uma identidade britânica e colocado em pauta a "questão cultural", constituem um fenômeno pós-colonial ou pós-Segunda Guerra Mundial (HALL, 2013, p. 70).

Ainda nesse sentido, ao tratar sobre o processo imigratório ocorrido no século XX, em que cidadãos de países que foram colonizados por metrópoles europeias fizeram o processo inverso e migraram para as potências da Europa em busca de qualificação e de melhores oportunidades de vida, Hall afirma:

Após a Segunda Guerra Mundial, **as potências européias descolonizadoras pensaram que podiam simplesmente cair fora de suas esferas coloniais de influência, deixando as conseqüências do imperialismo atrás delas.** Mas a interdependência global agora atua em ambos os sentidos. O movimento para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas) tem uma correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração "não-planejada" da história recente (HALL, 2006, p. 81) (grifo nosso).

O trecho acima destacado evidencia como, ainda hoje e ainda mais nos anos que se seguiram à descolonização, os países europeus que tiveram possessões em África durante o período colonial, em maioria, não se responsabilizam minimamente pelas conseqüências que suas administrações deixaram nas ex-colônias, sobretudo no campo socioeconômico. A crise migratória ocorrida nos últimos anos, tendo maior destaque em 2015, é reflexo do Colonialismo experienciado por grande parte da África na primeira metade do século passado. Entretanto, apesar de os processos de independência da maior parte das ex-colônias terem ocorrido ao longo da década de 1960, ainda hoje a influência europeia pode ser percebida nos rumos econômicos e políticos do continente africano.



As migrações, especialmente para as metrópoles coloniais, historicamente, são frequentes para a população originária das colônias. Este fenômeno não é restrito aos países africanos, pelo contrário. O autor jamaicano lança mão de entrevistas realizadas pela historiadora Mary Chamberlain com barbadianos que migraram para o Reino Unido, em que, dentre outros temas, tratam "da dificuldade sentida por muitos dos que retornam em se religar a suas sociedades de origem" (HALL, 2013, p. 29). E segue:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva do nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades - os legados do Império em toda parte - podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento - a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa de retorno redentor (HALL, 2013, pp. 30-31).

Esta migração com promessa de retorno seria uma das conceituações mais aceitas do processo de Diáspora. A partir de sua experiência, enquanto um imigrante caribenho no Reino Unido, e dos estudos que desenvolve acerca da identidade nesse contexto, Hall aprofunda a discussão acerca do conceito de Diáspora. Assim, postula:

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. [...] A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. Mas num movimento profundamente contraintuitivo, a linguística moderna pós-saussuriana insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente. Sempre há o "deslize" inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado. A fantasia de um significado final continua assombrada pela "falta" ou "excesso", mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesmo (HALL, 2013, p. 36-37).

O fortalecimento das diferenças entre colonizador/colonizado, branco/preto, "bárbaro" e "civilizado" ajudou a criar o plano de fundo para o sistema colonial, cujo propósito seria a realização de uma missão civilizatória em África pelos povos europeus, que supostamente teriam muito a contribuir com o desenvolvimento



dos africanos. O pensador Frantz Fanon explica como o processo de colonização forjou a relação entre a cultura do colonizador e a dos colonizados. Fanon (2008, p. 34) discorre:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, e especialmente nos regimentos senegaleses de infantaria, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade.

O processo de assimilação da cultura do colonizador pelo povo colonizado é algo que, especialmente durante a colonização africana pelas potências imperialistas europeias no século XX, ditava as relações sociais e as possibilidades de ascensão econômica dos indivíduos na lógica do Colonialismo. O caso da Nigéria e sua relação com a metrópole britânica não era diferente das demais colônias africanas. Para ter acesso a bons empregos e a uma posição social de prestígio nas colônias europeias em África, fazia-se necessário ter acesso a uma educação ocidentalizada. Falola e Heaton (2014, p. 138) abordam a introdução da escolarização, seguindo os moldes ocidentais, na Nigéria colonial:

By the early 1930s, however, a new generation of students was completing its Western education. This generation of students differed in many ways from previous generations. In Nigeria, this new generation was made up primarily of students who had been born after the advent of British colonial rule. They had never known anything but the colonial boundaries of Nigeria. Whereas previous generation of Western-educated Nigerians had come predominantly from the coastal regions, where European influence had been apparent for several decades, the new generation of students was more likely to come from the interior, where European influence was recent. They were, therefore, also more likely than previous generation of students to be



the first in their families to gain a Western education, speak and write English, and travel outside Africa².

Nesse contexto é que se insere a obra de Buchi Emecheta, entre os processos que permeiam o Colonialismo enquanto prática política, econômica e sobretudo ideológica, a migração torna-se uma esperança. Os personagens de *Cidadã de segunda classe* (2018) veem na travessia uma possibilidade de ascensão social e prestígio, mesmo que ela seja acompanhada por efeitos colaterais, como o preconceito, a discriminação, a distância da família, a perda de referências culturais e identitárias, dentre outros. Segundo Hall (2013, p. 70-71):

Em geral, os imigrantes encontravam condições de moradia precárias e empregos mal remunerados e não especializados nas cidades e regiões industriais, ainda em processo de recuperação da guerra e afetadas pelo declínio vertiginoso das condições econômicas na Grã-Bretanha.

Assim, após esta breve contextualização, pode-se seguir para a observação destes aspectos no objeto deste estudo.

3. CIDADÃ DE SEGUNDA CLASSE (SECOND-CLASS CITIZEN)

A obra *Cidadã de segunda classe* (2018), título original em língua inglesa *Second-class citizen* (1974), é uma obra ficcional de cunho autobiográfico, em que Emecheta conta a história de Adah, mulher que, assim como ela, um dia sonhou em emigrar da Nigéria para o Reino Unido e conseguiu alcançar seu intento. Entretanto,

² No início dos anos de 1930, entretanto, uma nova geração de estudantes estava completando sua educação ocidental. Esta geração de estudantes diferenciava-se em muitas maneiras das anteriores. Na Nigéria, esta geração era constituída primordialmente por estudantes que tinham nascido após o advento do domínio colonial britânico. Eles nunca tinham conhecido nada além das fronteiras coloniais da Nigéria. Se a geração anterior de nigerianos educados à moda ocidental tinha vindo predominantemente da região costeira, onde a influência europeia tinha sido notória por muitas décadas, a nova geração de estudantes provavelmente viria do interior, onde a influência europeia era recente. Eles eram, portanto, também mais propensos do que a geração anterior de estudantes a serem os primeiros em suas famílias a receber uma educação ocidental, falar e escrever em inglês, e viajar para fora da África. (FALOLA; HEATON, 2014, p. 138, tradução nossa).



ao chegar em Londres, deparou-se com uma realidade completamente diferente daquela que havia idealizado.

Emecheta inicia a narrativa contando como o sonho de conhecer a Grã-Bretanha perpassou a vida de Adah, desde sua infância. Adah nasceu em Lagos, capital da colônia à época e que, posteriormente, se tornou a primeira capital da Nigéria independente. Seus pais eram de Ibuza, uma cidade localizada na região Meio-oeste, de predominância ibo³. Ela se recordava de, por volta de seus oito anos, sua mãe e outras mulheres de Ibuza, que viviam em Lagos, se arrumarem para a recepção do primeiro advogado da cidade de Ibuza, que estava retornando de seus estudos em Londres.

As mulheres de Ibuza que viviam em Lagos estavam se preparando para a chegada do primeiro advogado de Ibuza vindo do Reino Unido. O nome “Reino Unido”, quando pronunciado pelo pai de Adah, tinha um som tão pesado... o tipo de ruído que se associa a bombas. Um som tão grave, tão misterioso, que o pai de Adah sempre pronunciava com voz contida e com uma expressão tão respeitosa no rosto que até parecia estar falando de Deus Santíssimo. Sem dúvida, ir ao Reino Unido era como fazer uma visita a Deus. Ou seja, o Reino Unido devia ser uma espécie de paraíso (EMECHETA, 2018, p. 12).

Certamente, as honorarias que o estudante retornado da metrópole recebeu ao desembarcar do navio fizeram parte do imaginário da menina, que - mesmo com a oposição da família à educação escolar para meninas devido à crença de que elas deveriam apenas aprender o básico e voltar sua educação para as prendas domésticas, a fim de se tornarem boas esposas – começou a frequentar as aulas por conta própria, escondida dos pais. Assim, Adah, ainda criança, estabeleceu um objetivo para sua vida:

[...] Mas fez uma promessa secreta para si mesma: um dia iria ao Reino Unido. Sua chegada ao Reino Unido seria o pináculo de suas ambições. Não ousava contar a ninguém; poderiam concluir que era preciso mandar examinar a cabeça dela, ou algo do tipo. [...] Ir um dia

³ Versão aportuguesada do termo *igbo*. Designa um dos três maiores grupos populacionais da Nigéria, originários da região sudeste do país, próxima à Baía de Biafra. Os ibos ganharam grande notoriedade mundial após a Guerra Civil Nigeriana, também conhecida como Guerra de Biafra, em decorrência da criação do Estado secessionista, República de Biafra, de maioria ibo.



ao Reino Unido era um sonho que Adah guardava consigo, mas sonho depressa ganham um corpo. Seu sonho vivia com ela exatamente como uma Presença (EMECHETA, 2018, p. 23).

Entretanto, alcançar o seu sonho não foi algo fácil. Poucos meses depois de iniciar seus estudos às escondidas e receber a permissão de seus pais para continuar estudando, o pai de Adah faleceu. Com isso, como era de costume em sua cultura, ela teve de ficar com familiares de sua mãe, e "pagar" sua estadia trabalhando como empregada doméstica. A mãe de Adah, por sua vez, teve de se casar com o irmão de seu pai, e seu irmão foi designado para morar com um dos primos de seu falecido pai.

Assim, a família decidiu por bem investir nos estudos do irmão caçula de Adah, Boy, em detrimento de sua educação. A garota teve de ir para um colégio aquém do que frequentava, visto que a mensalidade do antigo era muito mais cara do que a das outras escolas. A família com a qual Adah passou a morar deixava que ela estudasse, contanto que fizesse todo o serviço da casa antes. Ela continuou os estudos, mesmo contra as expectativas e enfrentando as adversidades, e conseguiu uma bolsa para completá-los no Ginásio Metodista para Meninas, internato onde ficou por cinco anos.

A fim de continuar seus estudos, pleiteando ingressar na Universidade de Ibadan, Adah achou por bem se casar. Escolheu para esposo um jovem chamado Francis que, assim como ela, tinha instrução, ele estudava contabilidade. Apesar disso, ele era pobre e não poderia pagar seu dote, o que irritou sua família, que via no fato de ela ser uma jovem instruída a possibilidade de receber uma boa quantia do noivo. A educação era sinônimo de ascensão tanto para homens como para mulheres, entretanto, a ascensão feminina se dava a partir do dote.

Logo depois, Adah engravidou e conseguiu um emprego de bibliotecária na Biblioteca do Consulado Americano. A partir de então, Adah começou a ganhar muito bem, o que lhe permitiu sonhar novamente com o dia em que conheceria o Reino Unido. Ao compartilhar seu sonho com seu marido, eles planejaram que ele iria primeiro, e ela enviaria dinheiro para mantê-lo lá, além de manter a si e ao seu bebê,



ajudar também nos estudos das irmãs de Francis. Quando juntasse dinheiro suficiente, Adah iria para a Inglaterra encontrar Francis. E assim foi feito, ainda que a princípio a família de Francis não tivesse concordado, Adah conseguiu convencê-los, pois eles ditavam as regras que os dois deveriam seguir. Antes de Francis embarcar, Adah já esperava seu segundo bebê.

No capítulo intitulado “Acolhida fria”, Emecheta (2018) aborda a chegada de Adah com seus filhos a Londres e suas observações iniciais a respeito do local. Sua análise perpassa desde a disposição urbanística das casas até aspectos mais sensíveis, como o modo pelo qual as relações desenvolvem-se na metrópole.

A Inglaterra deu a Adah uma acolhida fria. A recepção foi particularmente fria porque apenas alguns dias antes o navio fora acolhido com alegria e animação em portos como Takoradi, Freetown e Las Palmas. Se Adah fosse Jesus teria ignorado a Inglaterra. Liverpool era cinza, esfumaçada e aparentemente desabitada (EMECHETA, 2018, p. 54).

Apesar da fria acolhida inglesa, seu marido a recebeu de forma calorosa, “Adah ficou atordoada quando ele a beijou em público, com todo mundo olhando” (EMECHETA, 2018, p. 54). A recepção evidenciou como Francis estava assimilando a cultura inglesa e, aos poucos, perdendo a sua Identidade Cultural, visto que este não era um costume de seu povo; ao contrário, era algo condenável. Ao chegar ao bairro em que iria residir, Adah surpreendeu-se com a diferença entre as habitações nigerianas, com as quais estava acostumada, e as casas londrinas.

Era uma casa cinzenta, de janelas verdes. Impossível dizer onde ela começava e onde terminava, porque era grudada a outras casas da rua. Adah nunca vira casa como aquelas, grudadas daquele jeito. Em Lagos as casas costumavam ser completamente separadas, com pátios dos dois lados, o conjunto no fundo e as varandas na frente. Aquelas não tinham nenhuma dessas coisas. Eram longos quarteirões sólidos, com portas que se abriam para a rua. As janelas formavam fileiras retilíneas ao longo das ruas. Olhando ao redor, Adah percebeu que pela cor das molduras era possível saber quais janelas correspondiam a qual porta. Aparentemente, a maioria das casas tinha as mesmas cortinas nas janelas. (EMECHETA, 2018, p. 56)



Ao se deparar com a sua nova residência – tratava-se de um quarto muito pequeno em que mal cabiam os móveis - Adah questionou a seu marido se eles morariam mesmo naquele lugar, e ele respondeu:

[...] Em Londres a escassez de moradia é imensa, especialmente para negros com filhos. Todo mundo está vindo para Londres: gente das Antilhas, das Bahamas, os paquistaneses e até os indianos, de modo que os estudantes africanos costumam ser instalados junto com esses outros. Somos todos negros, todos de cor, e as únicas acomodações que a gente consegue arrumar são horrores como este. (EMECHETA, 2018, p. 57)

Ao conhecer seus vizinhos, Adah observou que, na Nigéria, muitos deles poderiam ter sido seus criados e reclamou com Francis acerca disso. Ela acreditava que ele deveria ter procurado um outro lugar para acomodá-los, por conta da vizinhança, já que não estava disposta a conviver com aquelas pessoas. Francis então a situou na sua nova condição de vida, enquanto imigrante nigeriana no Reino Unido:

[...] Você deve saber, querida jovem *lady*, que em Lagos você pode ser um milhão de vezes agente de publicidade para os americanos; pode estar ganhando um milhão de libras por dia; pode ter centenas de empregadas; pode estar vivendo com uma pessoa de elite, mas no dia em que chega à Inglaterra vira cidadã de segunda classe. De modo que você não pode discriminar seu próprio povo, porque todos nós somos de segunda classe. (EMECHETA, 2018, p. 58)

Pouco tempo após sua chegada à Inglaterra, grávida de seu terceiro filho, Adah conseguiu emprego como bibliotecária na Biblioteca de North Finchley, onde logo foi alçada ao cargo de bibliotecária-chefe. De imediato, ela notou a diferença entre os frequentadores do seu novo local de trabalho e os da biblioteca do Consulado Americano, onde atuava em Lagos. Na capital Nigeriana, quase não ia ninguém e os poucos que iam buscavam livros didáticos para se qualificarem. Já os frequentadores londrinos faziam enormes filas buscando obras ficcionais. Influenciada pelo fato, ela passou a ler ficção e logo depois iniciou sua escrita.

Adah trabalhava e ainda tinha que tomar conta de seus filhos, já que não tinha o apoio do marido e que eles estavam sozinhos na capital inglesa. Era difícil ser uma mulher imigrante com muitos filhos na Inglaterra:



[...] A maioria dos nigerianos com filhos entregava as crianças a pais adotivos. Nenhum casal em seu juízo perfeito sonharia em manter os filhos consigo. A noção de pais adotivos era tão generalizada que as donas de casa africanas que viviam na Inglaterra acabavam considerando a mãe adotiva a verdadeira mãe de seus filhos. Dizem que na Inglaterra as crianças nigerianas têm duas mães – a mãe que põe no mundo e a mãe social. Nem bem se dava conta de que estava esperando um filho, em vez de comprar um carrinho e de tricotar sapatinhos, a dona de casa nigeriana publicava um anúncio procurando uma mãe adotiva. Ninguém se preocupava em saber se a mãe era ou não adequada, ninguém queria saber se sua casa era limpa ou não; a única preocupação de todas era que a mãe adotiva fosse branca. O conceito de “brancura” acobertava um sem-número de pecados (EMECHETA, 2018, p. 68).

Apesar de Francis acreditar que este seria o melhor destino para os seus filhos, Adah discordava, e os filhos acabaram ficando com seus pais biológicos. Entretanto, não só era desejo de seu marido que as crianças fossem adotadas, como o senhorio de Adah não queria que as crianças residissem mais na casa que alugavam. Então, a alternativa foi procurar uma nova residência.

Ainda sem encontrar outro refúgio, Adah estava preocupada com sua filha, Titi, que - apesar de sempre ser falante -, ao chegar na Inglaterra, tinha parado de falar e sua mãe não compreendia o porquê. Um dia, ao receber uma amiga, a moça tentou conversar com Titi em iorubá, mas ainda assim ela não respondia. Então, depois de questionar a garota sobre o motivo de ela não estar respondendo, Titi zangada afirmou que não estava falando porque seu pai havia proibido que ela falasse iorubá. Ela só poderia falar inglês, e como ela ainda não falava o idioma, então decidiu ficar calada para não ser punida. Adah chocou-se com a situação:

Era esse o resultado da Nigéria ter sido governada durante tanto tempo pelos ingleses. A inteligência da pessoa era avaliada pela forma como ela falava inglês. Mas não importava nem um pouco se os ingleses eram capazes ou não de falar as línguas dos povos que governavam. Essa exigência teve um efeito terrível sobre a pequena Titi. Mais tarde ela superou sua dificuldade em falar, mas já estava com bem mais de seis anos quando conseguiu dominar suficientemente uma das línguas para ser capaz de produzir uma conversa inteligente (EMECHETA, 2018, pp. 78-79).



Esse aspecto, por sinal, diz respeito à necessidade imposta pelos países colonizadores de que os membros dos povos submetidos ao seu domínio, para que tivessem qualquer ascensão social, dominassem sua língua e agissem de uma forma condizente com os moldes ocidentais. Para isso, muitas vezes, era necessário abdicar de sua cultura e sua cosmovisão para dar lugar à europeia.

Adah e Francis prosseguiram com a procura da casa, já que o senhorio do quarto onde moravam já não aceitava nem mais o valor do aluguel, para eles terem certeza de que não eram mais bem-vindos. Enfim, bateram em várias portas, sem sucesso, mesmo tendo oferecido o dobro do valor do aluguel. A maioria dos senhorios não aceitava casais com filhos. Em uma das visitas, eles chamaram pelo responsável da residência, quando uma senhora abriu a janela que se localizava no andar de cima e disse que iria mostrar-lhes a casa. Quando, ao abrir a porta, ela percebeu que se tratava de um casal nigeriano, disse que a desculpassem, mas que ela já havia alugado o quarto, que deveria ter logo avisado a eles.

Francis e Adah ouviram calados àquela enxurrada de palavras. Adah nunca se defrontara com rejeição como aquela. Não assim, diretamente. Rejeição por uma criatura como aquela, encolhida, de corpo trêmulo, cabelo desgrenhado, desfeita, suja e malcuidada, tentando explicar-lhes que eles eram inadequados para uma casa semiabandonada e provavelmente condenada, cujas escadas rangiam. Só porque eram negros? (EMECHETA, 2018, p. 113).

No capítulo intitulado “O gueto”, Emecheta (2018) aborda a primeira geração de nigerianos que migraram para o Reino Unido, nos anos de 1940. Segundo ela:

Esses homens estimavam que com a independência viria a prosperidade, o momento de terem um governo independente, além da possibilidade de empregos de alto nível e mais dinheiro, dinheiro à beça. O único lugar capaz de assegurar essa qualificação, esse passaporte para a prosperidade, era a Inglaterra. Era preciso ir pra Inglaterra, fazer cursos rápidos de direito e voltar para governar seu país. O que poderia ser mais adequado (EMECHETA, 2018, p. 117).

Para isso, ela continua:



[...] Homens responsáveis, ocupando altos postos no serviço público, jogaram seus empregos fora, acertaram suas contas, se demitiram, abandonaram os filhos, entregaram vinte libras ou algo assim às esposas analfabetas e fizeram as malas para a viagem ao Reino Unido em busca de treinamento, em busca de qualificação (EMECHETA, 2018, p. 118).

Alguns poucos homens desta geração alcançaram o objetivo de cursar uma universidade e retornar para casa com o *status* de importância que almejaram quando foram para o Reino Unido. Tantos deles, ficaram e fizeram família com mulheres brancas. Um destes homens era o sr. Noble. O homem era tão conhecido e as histórias sobre ele eram tantas, “que ele se transformou em uma lenda viva” (EMECHETA, 2018, p. 120).

Apesar de algumas histórias sobre ele terem amedrontado Adah, sr. Nobles estava com um quarto disponível, e eles precisavam se mudar o quanto antes, pois o filho de Adah já estava nascendo. Finalmente, eles conseguiram um lugar que os aceitasse, embora fosse bem mais distante do que o local onde residiam anteriormente.

Em certo momento, um dos filhos de Adah, que já havia sido internado com um quadro de meningite viral, estava com uma de suas orelhas pendentes. Então, ficou preocupada com o que poderia ser mais uma doença. Ela chamou um médico indiano que costumava atendê-los. Entretanto, ele disse que não poderia assistí-los, visto que era dia de natal. Então, seu marido chamou a polícia para socorrer seu filho, que prontamente apareceu. Descobriram então que o menino não tinha nada, que apenas fora mordido por percevejos.

Pelo menos alguns dos dispositivos do Estado de Bem-Estar funcionavam tanto para cidadãos de primeira classe como para cidadãos de segunda classe. Por acaso Francis não provaria esse ponto indo até a delegacia quando o médico indiano se recusara a atendê-los? Adah tentou imaginar o que Francis teria feito se tudo se passasse em Lagos (EMECHETA, 2018, p. 199).

No capítulo intitulado “Controle de natalidade”, Emecheta (2018) aborda a luta de Adah para conseguir parar de engravidar, visto que ela já tinha muito mais



filhos do que poderia criar em Londres e que, se continuasse daquela forma, teria ainda mais bebês em breve.

Ao falar com Francis acerca de sua ida ao Centro de Planejamento Familiar, ele lhe disse que não havia necessidade disso, já que para Deus “[...] os homens sabem melhor como se controlar, da maneira descrita na Bíblia. É só segurar a criança e não entregá-la à mulher, você a derrama em outro lugar” (EMECHETA, 2018, p. 205). Entretanto, Adah manteve-se interessada em algum tipo de método de controle da natalidade, visto que não poderia arriscar ter mais filhos.

Para tanto, ela foi novamente ao Centro de Planejamento Familiar e recebeu panfletos informativos sobre os métodos. Entretanto, ela também recebeu um documento que deveria dar ao seu marido para assinar permitindo que ela fizesse uso de qualquer um dos contraceptivos. Ela então decidiu falsificar a assinatura de Francis, já que sabia que ele seria contra e escolheu utilizar diafragma. Ela, apesar de tentar, não conseguiu disfarçar e contou toda a verdade ao marido, que não aceitou o fato e, além de espancá-la, gritou para toda a vizinhança ouvir que Adah tinha mentido para ele. O seu casamento acabou ali mesmo e ela ainda não tinha nem 21 anos.

Mais uma vez, Adah encontrava-se grávida. Entretanto, naquele momento a situação era bem mais complicada. Ela e Francis haviam sido despejados por conta das inúmeras brigas que vinham travando, que incomodavam tanto o senhorio como os demais inquilinos. Como se não bastasse todo o sofrimento, Adah fora humilhada publicamente, por conta do recebimento de carta assinada pelas moradoras do casarão reclamando dos assédios de Francis. Apesar de tudo, Adah e Francis ainda viviam juntos, era necessário.

Ela aproveitou seu tempo livre à noite e iniciou a escrita de um livro intitulado *Dote de esposa*. Seus colegas da biblioteca leram os manuscritos e elogiaram. Entretanto, tempos depois, os manuscritos foram queimados por Francis. Para Adah, aquele manuscrito era como se fosse seu filho, ela não poderia perdoar aquela atitude. Dali em diante a vida conjugal, que já não era boa, tornou-se um inferno completo.



Mais uma vez ela foi espancada por Francis e agora o que restava a Adah era contar com as leis britânicas. Ela levou o caso ao tribunal e conheceu uma faceta do marido que nunca imaginara existir:

Francis disse que os dois nunca haviam sido casados. Em seguida perguntou a Adah se ela poderia apresentar a certidão de casamento deles. Ela não podia. Não tinha nem como apresentar seu passaporte ou as certidões de nascimento das crianças. Francis queimara tudo. Para ele, Adah e as crianças haviam deixado de existir. Francis deu essa informação a Adah em voz baixa, no tribunal, na língua deles.

E, assim, a história termina. Adah é o “outro do outro”. Além de ser imigrante de uma colônia inglesa, à época, ela era uma mulher, com muitos filhos para criar. Adah não tem um final feliz, porque a história dela é real demais. Ela perseguiu seus sonhos e acabou vivendo um pesadelo longe de sua cultura, das pessoas que ela conhecia, de suas tradições, mas, ainda assim, ela sobreviveu e continuaria sobrevivendo, até alcançar seus objetivos, porque ela não desiste facilmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Cidadã de segunda classe* (2018) retrata as desventuras de ser mulher imigrante em meados do século XX no Reino Unido. Emecheta, assim como Adah, passou por essa experiência e, certamente, esse romance contém traços de toda sua luta fora de sua terra de origem, com seus filhos para cuidar, sem apoio nenhum.

O livro em questão demonstra que, ainda que as antigas colônias dos países imperialistas tenham conquistado sua independência, sua população dependia e continua dependendo, ainda hoje, das suas antigas potências coloniais. Isso porque as oportunidades de emprego costumam ser escassas e, em muitos casos, nem foram criadas infraestruturas e políticas para a descolonização, o que faz com que as metrópoles ainda mantenham uma relação paternalista com os antigos países colonizados, que costumam seguir suas orientações a nível econômico e político.



Em seu outro livro, Emecheta demonstra que, por mais que não se encontrasse fisicamente na Nigéria, ela não estava alheia aos acontecimentos de seu país, sobretudo da cidade natal de seus pais. No prefácio de seu livro *Destination Biafra* (1983), ficção histórica sobre a Guerra Civil Nigeriana (1967-1970), Buchi relata:

[...] I was not in Nigeria during this war, but was one of the students demonstrating in Trafalgar Square in London at the time. I have tried very hard not to be bitter and to be impartial - especially as I hail from Ibuza in the Mid-West, a little town near Asaba where the worst atrocities of the war took place, which is never given any prominence. (EMECHETA, 1983, p. vii)⁴

A Guerra de Biafra, sobre a qual o trecho supracitado trata, é uma das demonstrações de que, ainda após o processo de independência política dos países africanos, as antigas potências coloniais continuam a exercer influência e interferir nas políticas internas e externas de suas ex-colônias.

Emecheta, assim como Adah, almejou, por meio da mudança para um país economicamente desenvolvido, alcançar uma vida melhor para si e para a sua família. Ela acreditava que, ao chegar em Londres, seus problemas ficariam para trás, relegados para o campo da memória, pois o Reino Unido, em sua visão, era a terra das oportunidades. Ambas - autora e personagem - não imaginavam, contudo, que os desafios proporcionados pela imigração seriam tão grandes quanto os que já haviam enfrentado em sua terra natal. Entretanto, sem o apoio familiar de outrora, quando ainda residia na Nigéria.

Por fim, o discurso de Emecheta sobre a Guerra Civil em seu país, assim como tantos outros presentes ao longo do romance *Cidadã de segunda classe* (2018), demonstra que, embora os imigrantes consigam se adaptar aos países nos quais passaram a residir (seja por quais motivos forem), percebe-se que a Identidade

⁴ [...] Eu não estava na Nigéria durante essa guerra, mas fui uma das estudantes protestando na Trafalgar Square em Londres na época. Tenho tentado muito não ser amarga e ser imparcial - especialmente porque sou de Ibuza, no Meio-Oeste, uma pequena cidade próxima a Asaba onde ocorreram as piores atrocidades da guerra, que nunca recebeu qualquer relevância. (EMECHETA, 1983, p. vii, tradução nossa)



Cultural, mesmo quando perpassada por processos migratórios e de globalização, resiste.

Sendo assim, o imigrante se encontra em um não-lugar, como exemplificado por Hall (2013) na pesquisa de Mary Chamberlain com os migrantes caribenhos retornados. Ele é um estrangeiro, ainda que resida por muitos anos em outro país e tenha assimilado completamente sua cultura. E mesmo que retorne para o seu país de origem, muitas vezes, sente-se deslocado socialmente, como se aquele lugar não lhe pertencesse.

Referências

EMECHETA, Buchi. **Cidadã de segunda classe**. Tradução Heloisa Jahn. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

_____. **Destination Biafra** (1982). Glasgow: Fontana/Collins, 1983.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A history of Nigeria**. Cambridge - UK: Cambridge University Press, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. -11. ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaide La Guardia Resende... [et al.] – 2 ed.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. Da conquista europeia à descolonização. *In*: VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. **História da África e dos africanos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, pp. 56-98.

Recebido em 21/06/2020

Aceito em 17/08/2020